



A musica



Camille Adorno

A roda se enche de sons. É uma festa de ritmos e cantos bravios, onde a sensibilidade se manifesta livremente. E acontece a dança e o canto em meio à luta. Na Capoeira a musicalidade é fundamental. Raiz e corpo da arte, a melodia flui de toda parte. Berimbaus, atabaques, ganzás, agogôs, pandeiros, tudo é som e movimento. As cantigas estão presentes no jogo desde quando se forma o círculo. E o primeiro canto geralmente conduzido pelo capoeira mais antigo presente à roda pode ser um improviso. Se o berimbau toca Angola, o canto inicial é um solo denominado ladainha. Neste momento, enquanto é ouvida a cantiga, não há jogo. A atenção de todos está no conteúdo da música. Pode estar sendo transmitida uma mensagem onde o capoeira dá expressão à sua vivência na roda ou às experiências adquiridas ao longo da vida. Pode ser ainda que a ladainha rememore fatos passados, trazidos à lembrança como aviso aos jovens, enquanto perpetua um pouco da história do jogo e dos capoeiras. A música é um dos instrumentos de preservação da memória, transmitindo as tradições de

diferentes épocas do passado da Capoeira. O canto às vezes exprime tristeza pela ausência de um camarada que já morreu, encerrando ainda uma advertência ou observação, um exemplo prático, uma lição para a vida. Ao encerrar a ladainha é iniciado pelo solista um refrão, sinal para a entrada do coro formado pelos capoeiras. À medida em que o jogo tenha seu desenvolvimento, as cantigas irão acompanhar e descrever numa linguagem peculiar as situações que acontecem na roda, quando não ocorre do canto determinar, de forma sutil, o desenvolvimento das ações. A poesia pode significar uma provocação a alguém ou uma brincadeira com qualquer dos capoeiras; pode traduzir uma advertência à forma muita das vezes perigosa em que transcorre o jogo; pode ser ainda a reverência a um orixá. De qualquer forma, as cantigas trazem uma característica comum a linguagem figurada e de compreensão restrita aos jogadores. A sonoridade vibrante dos berimbau é magnética. Agora tocam a Iúna. Dizem os antigos que neste toque ressoa o canto da ave Inhumá (ou Anhumá) e conta a lenda que ela é portadora de uma força mágica. Encantada, dos seus pios de desprende a magia dos deuses... Ouçamos o toque. Num dado momento se destacam os sons agudos de um berimbau para no instante seguinte serem suplantados por outro, que vibra com profunda gravidade. É o diálogo das Iúnas. Como se dois seres mitológicos, tomados de profunda paixão, tornassem audível seu canto de amor. Que às vezes ecoa aparentando entendimento, para subitamente transfigurar-se no embate inarmônico de apaixonado desencontro. Ao final prevalece a compreensão entre berimbau gunga e viola de timbres grave e agudo, respectivamente mas fica a nítida impressão que de repente começará tudo mais um vez. O atabaque traz evocações que transportam ao mundo da magia. O ritmo misterioso descobre à visão da mente um cenário de realismo fantástico. A força dos sons invade o capoeira, arrastando o pensamento, que se perde num turbilhão de emoções e pode levar à trilha do sobrenatural: empolgação e fascínio se traduzem em agilidade e força. E se descortina a África viva em cada um de nós. Misteriosa, como a exaltação que brota bem de dentro, aos jorros, atinge a superfície da pele e transborda, em gestos de força e beleza. Até que sobrevenha a calma e sossego, como numa estranha dança. Os tons do agogô se destacam num claro contraponto entre a marcação discreta e a dissonância que fere os sentidos, despertando-os. Essa é sua função, e à medida em que esses sons se fazem ouvir, se perde a noção do tempo e espaço, na excitação que atordoa: tudo se torna encanto. Ao fundo o ganzá impõe o balanço do som capaz de prender no seu movimento compassado o fluxo da vontade, arrastando-a e somente liberando o capoeira após conquistada sua alma. Só aí ele retorna, entre surpreso e extasiado, ao confronto com a realidade. Talvez uma serpente mítica tenha sacudido os guizos, em meio ao torvelinho dos sentidos livres, e tenha capturado sua presa, tornando-a semelhante, dando-lhe suas características de contida

agressividade e determinação. O troar constante do reco-reco pode impelir o ouvinte a quedar-se surpreso. A atenção é desviada para o soar imprevisível, que causa a sensação de uma chibata imaginária, provocando estalos que ressoam dentro do capoeira, os açoites despertando arrepios de coragem e repercutindo na luta. Noutra momento o berimbau toca Angola. Está prestes a acontecer o jogo de maior importância, que define o espírito da Capoeira. A voz do mestre se levanta, com um acento de tristeza e lamento, entoando um canto de forte sabor nostálgico. O berimbau gunga acompanha gravemente as modulações da voz, repicando de forma compassada e realçando cada verso da cantiga. E talvez resida nisto a grande musicalidade das ladainhas, todas de extrema simplicidade. Enquanto o gunga se ajusta à voz que puxa a cantoria, formando um dueto, o berimbau viola acrescenta ao conjunto o timbre agudo, despontando em improvisos que se sucedem numa riqueza de variações impressionante. Cada instrumento acrescenta à música colorido especial, dando vida à Capoeira. Africanos pela origem, nascidos do sangue e natureza do negro, construíram a brasilidade. Graças a eles, cantores nativistas são capazes de encontrar elementos para a composição de uma expressão musical brasileira, representativa dos sentimentos comuns à nossa gente. O som vai prosseguir por horas a fio, fazendo a delícia dos jogadores entregues à arte, embevecendo os que assistem à roda e ensinando um caminho para a redescoberta de outras formas de comunicação.